

NOTAS SOBRE SÍMBOLOS E RITUAIS

Eval Cruz

RESUMO:

O presente ensaio destaca – com base nas discussões que foram objeto de investigação antropológica –, a importância dos rituais como também dos símbolos neles dramatizados. O objetivo é pontuar a sua relevância nos vários contextos sociais, destacando o religioso. Fica claro que todo ritual tem importância significativa para a sociedade no qual é executado, pois, por meio dele, se pode conhecer melhor a identidade de um povo em particular, com todas as suas peculiaridades. Ademais, de acordo com o pensamento de autores clássicos da antropologia, como Perianto (2003), Leach (1996), Turner (2005), entre outros, os rituais são importantes porque apontam normas de ajustes sociais. Portanto, destacam-se por meio de sua linguagem, seus aspectos morais, seus valores, enfim, um modo de vida particular de um grupo com sua visão de mundo que consiste no conhecimento que os indivíduos têm sobre si, sobre as coisas e a sociedade na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Ritual, Símbolo, Linguagem. Identidade.

ABSTRACT:

This essay highlights - from the discussions that were the object of anthropological research - the importance of rituals as well as of the symbols dramatized in them. The aim is to highlight its relevance in the various social contexts, emphasizing the religious aspect. It is evident that every ritual is of significant importance to the society in which it is performed; because based on it one can better understand the identity of a particular people, with all its peculiarities. In addition, according to the thinking of classic authors of anthropology, such as Perianto (2003), Leach (1996), Turner (2005), among others, rituals are important because they point to norms of social adjustments. Therefore, it emphasizes through its language, its moral aspects, its values, finally a particular way of a group life with its vision of the world that consists in the knowledge that the individuals have about themselves, about the things and the society in which they are inserted.

Key Words: Ritual. Symbol. Language. Identity.



Figura 1: Momentos festivos realizado pelo Terreiro Santa Bárbara virgem na cidade de Laranjeiras/Sergipe.

Introdução

Pode-se afirmar seguramente que já faz muito tempo que a antropologia vem se ocupando em estudar temas que instigam a imaginação humana como os ritos, rituais, símbolos, entre outros. Eles integram e acompanham o ser humano em vários aspectos de sua vida, seja na esfera religiosa, seja em aspectos sociais como um todo e estão presentes em todos os agrupamentos humanos, desde os mais simples aos mais sofisticados que se conhece. Porém, frequentemente nossos contemporâneos, muitas vezes desatentos aos rituais e a toda a sua simbologia, consideram-nos como fenômenos distantes da sua realidade, não percebendo, pois, a sua real importância no contexto atual. Por esse viés, o presente ensaio se preocupará em mostrar a importância tanto dos rituais, como de seus símbolos, não como fenômeno social que ficou preso ao passado, mas que está presente durante a trajetória de vida de cada um enquanto

membro de um grupo em uma dada sociedade. Ritual aqui é entendido como sendo transmissor de um legado que revela as particularidades da identidade de um dado grupo (PEIRANO, 2003)¹.

Alguns nomes importantes da antropologia como Van-Gennep (1978), Victor Turner (2005), Durkheim (2003), Geertz (1978), Edmund Leach (1996), Mariza Peirano (2003), dentre outros, debruçaram-se sobre o estudo dessas temáticas.

Percebe-se que, dentre os autores citados, há aqueles que se dedicaram mais à investigação dos rituais, enquanto outros se interessaram mais em destacar os símbolos. Contudo, independe da escolha feita pelos estudiosos, compreende-se que foi com base no exame investigativo efetuado por esses autores que houve uma maior compreensão da questão em foco. Seguindo por esse entendimento, os estudos que foram produzidos sobre símbolos, ritual e rito, estarão sendo analisados para enxergarmos melhor o valor que se deve atribuir aos rituais nos vários contextos sociais. Nesse sentido, se Gennep (1978) diz “[...] o seu entendimento de ritual, decompondo-o em partes invariantes, que poderiam ser mudadas de acordo com aquilo que o grupo desejasse realizar[...], Turner (2005) o concebeu como “[...] como uma conduta formal sendo referenciado por crenças em poderes místicos [...]”, enquanto Durkheim (2003), seguido por Geertz (1978), salienta “[...] seu pensamento sobre símbolos e, de acordo com o entendimento de Leach (1996), ritual é visto como uma linguagem por meio da qual os indivíduos dizem algo sobre o grupo.” (CRUZ, 2012 p.79). Todavia, adotando a proposta de Stanley Tambiah (1985) – que se destacou pelo estudo dos rituais –, Peirano sintetiza e clarifica *Ritual e Símbolos* num mesmo contexto ao afirmar que:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo

¹ As fotos presentes neste ensaio captam momentos dos *Rituais Festivos* realizados pelo *Terreiro Santa Bárbara virgem* na cidade de Laranjeiras/Sergipe. A primeira imagem destaca uma criança e a Aluxa – sacerdotisa do terreiro –, que acabara de fazer seu solo na Latada e ao encerrá-lo, recebe do menino, como também de todo o corpo de membros, uma moeda corrente; já quando o dançante faz sua performance e a encerra dançando com a Aluxa, ela o presenteia com uma moeda não corrente que, para os acreditam, tem uma potência mágica por ter passado por um ritual e, por isso, é cuidadosamente guardada pelo fiel. Percebe-se, ainda, em segundo plano, o corpo de membros e a orquestra de tambores e cabaças. O ritual aqui é conhecido, entre os membros do grupo como primeira roda, momento em que os integrantes fazem um solo na Latada –, espaço destinado às festas públicas no Terreiro Santa Bárbara Virgem ou Nagô de Belina, como é carinhosamente chamado por muitos. As imagens foram produzidas e cedidas pelo fotógrafo *Diering Adler (UNIT/SE)*.

e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como ‘performativa’ em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz ‘sim’ à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (PEIRANO, 2003, p.11).

Peirano salienta que em todo tempo e lugar a vida é sempre marcada pelos rituais. Nesse sentido, para a estudiosa, os rituais são fenômenos especiais em uma sociedade; pois, por meio de sua linguagem, revelam e apontam os aspectos particulares de um dado grupo de indivíduos e os expandem; ademais, os rituais transmitem valores sendo também importantes na/para a resolução dos conflitos sociais.

1. Símbolos e rituais

Ao apresentar a obra *Ritos de Passagem*, Roberto da Matta (1978) esclarece que, em grande parte, a compreensão que a antropologia tem hoje sobre os rituais se deve a Van-Gennep (1978), visto como um dos pioneiros no estudo ritual e grande instigador de outros importantes antropólogos que se empenharam também em analisar tema tão relevante. Ele explicou que os rituais podem ser analisados decompondo-os em ritos de “separação, margem e agregação”. Na primeira fase – *separação* –, a pessoa é afastada simbolicamente do grupo. Na fase subsequente – *margem* –, a pessoa “está em transição, logo, suspensa das regras morais”. Nessa etapa o neófito é simbolicamente morto para que possa nascer e tomar um novo lugar “[...] na sociedade da qual faz parte. A agregação é a última fase, que consiste na consumação da passagem de um estado a outro, na qual o indivíduo assumirá outra postura perante a sociedade” (CRUZ, 2012, p.83).



Figura 2: *Alôxa* segurando bastão durante ritual público (Exó) e Dogum - espada de metal insígnia de Ogum.

Neste sentido, van Gennep (1978, p.157) entendeu e didaticamente resumiu que: “[...] para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e se reconstruir, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente”. Todavia, é importante notar que esta categoria nem aparece em uma mesma cerimônia.

Reconhecendo a importância do estudo de Gennep, Da Matta argumenta que:

A grande descoberta de Van Gennep é que os ritos, como o teatro, têm fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar. Se o rito é um funeral, a tendência das sequências formais será na direção de marcar ou simbolizar separações. Mas se o sujeito está mudando de grupo (ou de clã, família ou aldeia) pelo casamento, então as sequências tenderiam a dramatizar a agregação dele no novo grupo. Finalmente, se as pessoas ou grupos passam por períodos marginais (gravidez, noivado, iniciação etc.), a sequência ritual investe nas margens ou na liminaridade do objeto em estado de ritualização (DA MATTA, 1978, p. 18).

Nesse sentido, para clarear melhor o que disse a respeito de Gennep, Da Matta apresenta três momentos diferentes da vida social em que as fases de um ritual aparecem claramente. É no funeral, no deslocamento do indivíduo para um grupo diferente do qual fazia parte e nos períodos marginais porque passam alguns indivíduos, que se visualizam as três fases de um ritual conforme Gennep. No funeral, percebe-se a primeira fase, que é a separação; no segundo exemplo, mudança de grupo, percebe-se a *agregação* da pessoa ou grupo por parte dos integrantes da comunidade que os recebe e, por fim, os períodos marginais, aqui entendidos como “gravidez”, “noivado” e “iniciação”, por exemplo, onde esses indivíduos permanecem por algum tempo à “margem” ou “liminaridades”.

Ainda seguindo esse mesmo pensamento, Turner (2005), que fora influenciado por van Gennep, entende ritual como um “[...] comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos.” (TURNER, 2005, p.49). Para melhor esclarecer a questão ritualística, nos é dado por ele um exemplo de ritual onde pode ser evidenciada a identidade de um povo. O *Wubwang’u* é um ritual Ndembo efetuado em benefício de uma mulher que espera ou teve filhos gêmeos. Nessa sociedade, o nascimento de gêmeos traria dois problemas: um de ordem econômica e o outro de ordem estrutural. No primeiro caso, por se tratar de uma sociedade relativamente pobre, fica difícil para uma mãe providenciar alimentos para duas crianças; o outro problema consiste no fato de existir somente um espaço a ser ocupado nos grupos de parentesco, aos quais o indivíduo tem acesso pelo nascimento. “A gemelaridade², contudo, apresenta os paradoxos de que uma realidade fisicamente dupla é estruturalmente única, e aquilo que é misticamente uno ser empiricamente duplo”. (TURNER, 1974 p.63).

Na sociedade Ndembo, onde Turner (1974) examinou o ritual *Wubwang’u*, o nascimento de gêmeos é visto como benção e ao mesmo tempo como uma maldição, a preocupação do grupo repousa sobre o “bem-estar da pessoa que é objeto do ritual,” ou seja, a mulher que espera ou teve um filho gêmeo. Sendo assim, entende-se que a finalidade do ritual é reprimir o nascimento de duas crianças ao mesmo tempo, dadas as condições econômicas e

² Segundo Turner (1974), as sociedades africanas resolviam o “dilema” da gemelaridade de várias “maneiras”. Em algumas, os gêmeos nascidos em famílias nobres eram mortos. Entre os Núeres, os gêmeos eram tratados como uma só pessoa e simbolizavam pássaros; já em outras sociedades, os gêmeos eram afastados do sistema de parentesco do qual faziam parte e lhes era conferido um lugar sagrado. Em outras sociedades, uma das crianças era morta porque simbolicamente era tida como ônus para o grupo. Enfim, cada sociedade encontrava uma maneira de lidar com essa questão.

estruturais. Com base no exemplo aqui explicado, é possível perceber que o ritual revela valores, sentimentos e ações peculiares de uma sociedade, ou seja, a identidade de um povo. É preciso destacar que, devido às difíceis condições econômicas e à crença de que a gemelaridade traz infelicidade, o número de infanticídios é elevado (BAUMANN apud TURNER, 1974, p.63). Desse modo, compreende-se que o ritual evitaria o nascimento de duas crianças, ao mesmo tempo em que evitaria um drama social maior.

Ao fazer a apresentação da obra *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, Lygia Sigaud informa que Leach (1996, p. 32), também deu sua contribuição a respeito dos rituais. Assim, o estudioso concebeu ritual “[...] como uma linguagem por meio da qual indivíduos e grupos dizem coisas sobre a ordem social: explicitam as ficções sociais.” O antropólogo não concebia mito e rito como a antropologia europeia que, por meio de autores como Malinowski e Durkheim, por exemplo, entendia e enxergava o mito e o rito distintamente um do outro. Leach entendia e concebia mito e rito como sendo a mesma coisa e, portanto, um não estava dissociado do outro; isto é, “[...] rito e mito queriam dizer a mesma coisa [...]” (CRUZ, 2012 p.83). Com base no entendimento da antropologia inglesa, “[...] o rito é uma dramatização do mito, o mito é a sanção ou a justificativa do rito” (LEACH, 1996, p.76).

Todavia, de acordo com a compreensão de Leach (1996, p.76) o mito era visto como “[...] afirmação em palavras [...]”. De igual modo, o ritual anuncia o equivalente quando é visto “[...] como uma afirmação em ação”. Nesse sentido, no intuito de se fazer melhor compreender, argumenta que se trace “um diagrama grosseiro” de uma imagem que retratasse um automóvel e num quadro anotasse “[...] embaixo ‘isto’ é um carro [...]”, ambas as informações diriam a mesma coisa. Assim entendendo, a partir da compreensão de Leach, averiguada por Peirano “[...] o ritual era um complexo de palavras e ações e o enunciado de palavras já era um ritual. O ritual tornava-se, assim, linguagem condensada e, portanto, econômica, e o primitivo, um homem sagaz e engenhoso.” (PEIRANO, 2000, p.7).

Contudo, embora tenha e admita um modo específico de enxergar o ritual, Edmund Leach (1996) partilha do mesmo pensamento de Turner (2005) e Geertz (1978), ao evidenciar que o ritual tem relevante função na estrutura social, uma vez que é por meio dos símbolos aí dramatizados, que os sujeitos ou grupos percebem sua posição no interior da estrutura social da qual fazem parte. Isso posto, compreende-se que o ritual determina ordem impedindo a anarquia do grupo, e acrescenta:

[...] se quisermos evitar a anarquia, os indivíduos que compõem uma sociedade devem de tempos em tempos ser lembrados, pelo menos em

símbolos, da ordem básica que presumivelmente guia suas atividades sociais. Os desempenhos rituais têm essa função para o grupo participante como um todo; eles tornam momentaneamente explícito aquilo que de outro modo é ficção. (LEACH, 1996, p.78).

Pelo exposto é possível perceber a importância dos rituais no contexto social em que estão os indivíduos, seja no campo religioso ou fora dele, esse fenômeno pode evidenciar uma sociedade com suas peculiaridades, o que, de acordo com o pensamento de Peirano (2003 p.51), assinala valores clareando aqueles que parecem invisíveis ou esquecidos pelo grupo de uma dada sociedade e, assim, por meio deles, enxergam-se seus aspectos fundamentais como, por exemplo, o modo que vive seu povo, como pensa e se transforma “o que não é pouco”. Entretanto, é importante destacar que para que essas sociedades sejam evidenciadas com tanta clareza nos rituais, é necessário um símbolo, aqui entendido como uma força que opera em benefício da ordem social, sendo oportuno nos debruçarmos sobre ele.

De acordo com o pensamento de Turner (2005), os símbolos rituais não devem ser examinados dissociados da estrutura social, tendo em vista que eles exercem relevante função de ajustar e regular as sociedades com base nos rituais. Isto é, compreende-se que os símbolos operam como uma força em benefício das ordens estruturais do grupo. De acordo com Cruz (2012, p.80), o processo de ajustamento social se dá por meio “[...] da dramatização dada pelo símbolo nos rituais, onde a comunidade assiste e relembra seu papel dentro da estrutura social”. Por esse ponto de vista, constata-se que os símbolos, “[...] estão essencialmente envolvidos com o processo social [...]”. Percebe-se, pois, que “[...] o símbolo ritual transforma-se em um fator de ação social, em uma força positiva num campo de atividade [...]” (TURNER, 2005, p.49).

Assim compreendido, Turner (2005) pôde averiguar que os impulsos produzidos pelos símbolos para uma ação social acontecem, uma vez que a eles são atribuídos “poder” e “autoridade”. Portanto, eles têm verdadeiramente competência para nortear os grupos e os indivíduos que com ele mantiverem/mantem contato e, assim, eles os conduzem a uma direção desejada. Por serem portadores de uma potência, pressionam os indivíduos de uma comunidade a realizar uma conduta que efetivamente se deseja. “Os símbolos, em resumo, têm tanto uma função oréctica (orectic) quanto uma função cognitiva. Eles produzem emoções e expressam e mobilizam desejos.” (TURNER, 2005, p.90).



Figura 3: Momento em que um fiel acende uma vela diante de ícones sagrados na Irmandade.

Por esse viés, entende-se o quanto a função do símbolo é relevante na vida como um todo e é, pois, dentro da esfera do ritual, que ele torna “visível” o que muitas vezes parece invisível; “torna patente o que não é”. Assim percebido, entende-se que uma das funções executadas pelos símbolos, conforme Turner (2005), “[...] é fazer visíveis, audíveis e tangíveis crenças, ideias, valores, sentimentos e disposições psicológicas que não podem ser percebidas diretamente.” (TURNER, 2005, p. 84).

Entre as muitas informações que nos são apresentadas por Turner (2005), ainda há uma que não se pode deixar de mencionar em virtude de sua importância; trata-se das propriedades dos símbolos rituais que ele dividiu em três e são: condensação, unificação de significados díspares e a polarização de significados. “A primeira propriedade consiste em um mesmo símbolo representar ao mesmo tempo mais de uma coisa ou ação [...]”; já em se tratando da “[...] segunda propriedade, a *unificação de significados díspares*, consiste, em virtude de suas qualidades, em reunir ideias e acontecimentos variados”. Enquanto a *polarização de*

significados – última propriedade, mas não menos importante “[...] está dividida em dois polos: *polo ideológico e polo sensorial* (CRUZ, 2012, p.81). No tocante ao polo ideológico, Turner explica que “[...] encontra-se um agregado de significados que se referem aos componentes da ordem moral e social [...]” (TURNER, 2005, p.59). Nesse sentido, entende-se, pois, que é no polo ideológico que se acham os princípios que conduzem e, portanto, regulam a sociedade como um todo. Já no segundo polo, chamado por Turner de sensorial, “[...] os significados são, usualmente, fenômenos e processos naturais e fisiológicos”. (TURNER, 2005, p.59), sendo, portanto, compreendido como sendo algo exterior ao símbolo.

Citando Geertz (1978), que discute, entre outros assuntos, a importância dos símbolos na vida social como um todo, Cruz (2012 p.81) aponta “[...] que um sistema de crenças é constituído por uma variedade de símbolos, que transmitem, ritualmente como verdadeiros, um ensinamento de como o homem deve se portar em sociedade”. Contudo, os indivíduos que de algum modo suspeitam de tais princípios são tidos pelo restante do grupo “[...] como estúpidos, insensíveis, ignorantes ou, em caso de infração extrema, como loucos”. (GEERTZ, 1978, p.146-149). Desta forma, acredita-se que, da mesma maneira que em Victor Turner, os símbolos são próprios para ajustar um mundo desejável, pois nos “[...] rituais sagrados e nos mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular.”

Fundamentando-se na constatação feita por Geertz (1978) a respeito dos símbolos, notou-se que os indivíduos e/ou grupos são dependentes dos símbolos, uma vez que eles atuam de maneira a guiar sua vida. Assim entendido, o homem acredita que sem eles sua vida seria um caos, portanto, podendo viver sem muitos outros bens, menos sem os símbolos; neste sentido,

“[...] o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade”. (GEERTZ, 1978, p.114).

Conforme o entendimento de Geertz (1978, p.143), o universo religioso oferece uma variedade de símbolos por meio dos quais pode ser compreendida a miúdo a identidade de um povo, assim como sua visão do mundo. Por esse viés, compreende-se que “[...] a religião

fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana”. Com base nesse entendimento, Cruz (2012, p.82) informa que Gueertz buscou esclarecer ethos “[...] como uma conceito que define um povo [...]”, que, portanto, “[...] engloba aspectos morais, valores, modo de vida particular de um grupo, e a visão de mundo que consiste no conhecimento que se tem sobre si, as coisas e a sociedade na qual o indivíduo está inserido”. Entende-se que a dramatização dos símbolos na esfera do ritual, religioso ou não, oferece aos seus participantes, as regras, os modos para se comportar na sociedade na qual está inserido e da qual faz parte. “Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade.” (GEERTZ, 1978, p.144).



Figura 4: Crianças e adolescentes portando ícones sagrados durante o *Ferequim* – rito processual do terreiro Santa Bárbara Virgem.

Ontem e hoje os rituais transmitem legados e, portanto, não devem ser apontados como algo que ficou preso ao passado como creem alguns dos nossos contemporâneos. Isso é notório em todas as sociedades, exemplo claro e visível está nos ritos de batismo por que passa toda criança cristã, que só é tida como integrante de uma determinada sociedade após esse ritual de iniciação. Ou no caso dos judeus e muçulmanos que passam pela circuncisão para nascerem para a sociedade que acredita nesses ritos. Há ainda uma variedade de rituais por que passam os indivíduos nas diversas sociedades atuais como: festas de quinze anos, noivado, casamento,

funeral e as diversas bodas, por exemplo. Com base em cada evento ritualístico é possível identificar um povo e uma época, pois se tomarmos o casamento ou o funeral como modelo para explicar os rituais, vai se perceber que esses tipos de cerimônias se diferenciarão ao longo do tempo nas mais diversas sociedades e, desse modo, será possível visualizar-se a identidade de um povo pelos ritos e símbolos por eles executados, pois é de acordo com eles que o grupo social se percebe e se encontra. Nesse sentido, “[...] o emblematismo, necessário para permitir que a sociedade tome consciência de si, não é menos indispensável para assegurar a continuidade dessa consciência.” (DURKHEIM, 2003, p.241).



Figura 5: Adolescente durante o *Ferequim* – rito processual do Terreiro-, carregando em suas mãos Santa Bárbara virgem.

Considerações finais

O presente ensaio teve por objetivo mostrar a importância dos rituais, bem como dos símbolos neles dramatizados. A preocupação surge a partir do momento que se evidenciam, nas sociedades atuais, aqueles que não enxergam seu verdadeiro significado e, portanto, a importância que existe nos rituais. Assim, para muitas pessoas, os rituais são vistos apenas como um evento histórico preso num tempo ou ainda um acontecimento formal e muitas vezes

restrito apenas ao universo religioso, sendo, em alguns casos, considerados vazios e desinteressantes, ou seja, sem nenhuma importância maior. Entretanto, pelo exposto fica claro que todo ritual tem importância significativa para a sociedade na qual ele é executado, tendo em vista que é com base nele que se pode conhecer melhor a identidade de um povo em particular, com todas as suas peculiaridades. Ademais, de acordo com o pensamento de Turner (1974), os rituais são importantes porque apontam e resolvem dramas sociais, despejando com sua linguagem, seus aspectos morais, seus valores, enfim o modo de vida particular de um grupo, com sua visão de mundo que consiste no conhecimento que os indivíduos têm sobre si, sobre as coisas e a sociedade na qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, pode-se afirmar que eles não ficaram presos no tempo, mas acompanham o ser humano em sua trajetória, sendo assim, é evidente que ele transmite um legado que não é sem importância ou até mesmo vazio, como pensam alguns, mas está permeado por uma linguagem repleta de símbolos³ que é compartilhada por aqueles que estão por ele envolvidos.

Sendo assim, de acordo com Durkheim (2003), em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, os símbolos são importantes na estrutura social, uma vez que é por meio deles que os indivíduos de um determinado grupo mantêm vivas em suas lembranças os sentimentos sociais manifestos no âmbito da consciência coletiva. Pois, enquanto os homens estão reunidos, cooperam de um mesmo sentimento social e, após a dispersão, os indivíduos passam a ser guiados por sua consciência individual e os valores transmitidos durante as efervescências coletivas podem pouco a pouco ir se apagando, carecendo, pois, dos símbolos para lhes fazer lembrar dos valores expressos durante os momentos vividos dentro da esfera coletiva. Aqui os símbolos são entendidos como elementos que têm poder de manter as lembranças vivas e a estrutura social coesa, uma vez que eles possuem uma ordem que guia a vida social, conforme nos orienta Leach (1996).

Conclui-se, pois, evidenciando que o assunto aqui discorrido não se encerra neste breve ensaio, muito ainda há a se dizer, contudo, de acordo com Peirano (2003), é por meio do ritual e de toda a sua simbologia que é possível perceber um aglomerado de peculiaridades que não

³ Deve-se dizer que a segunda imagem marca um momento importante do ritual; instante em que a sacerdotisa da casa faz uma performance solo. Nele aparece com dois símbolos importantes que somente ela pode portar durante os rituais: o Exó – bastão de metal –, e o Dogum – espada de metal insígnia de Ogum. A terceira imagem mostra o momento em que um fiel acende uma vela diante da imagem de *Santa Bárbara Virgem* e outros ícones sagrados na Irmandade. Já a terceira e quarta imagens retratam o *Fereguim* – que, segundo a professora Beatriz Gois (1988, p.259), trata-se de um rito processual do terreiro. Ele só ocorre no último dia das festas públicas e se divide basicamente em dois momentos: saída dos santos do *Peji* – em uma espécie de procissão em direção à latada –, e o fechamento da roda pela Alôxa.

poderia ser evidenciado senão por meio deles, neste sentido ele é indubitavelmente de grande relevância, pois identifica um povo com todas as suas peculiaridades.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CRUZ, Eval. **Sacerdotisa em Laranjeiras/se**: trajetória e recursos na ocupação de um espaço de poder e dominação. 2012. Dissertação (Mestrado na Universidade Federal de Sergipe), São Cristóvão.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENNEP, Arnold van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

PEIRANO, Mariza G. S. **A análise antropológica de rituais**. 2000. [Serie270empdf](#). Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF8#q=PEIRANO%2C+Mariza+G.S.+A+An%C3%A1lise+Antropol%C3%B3gica+de+Rituais>. Acesso em: 23 ago. 2019.

PEIRANO, Mariza G. S. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TURNER, Victor W. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

TURNER, Victor W. **O processo ritual estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. Apresentação da obra Os Ritos de Passagem. In: GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

SIGAUD, Lygia. Apresentação da obra Sistemas políticos da alta Birmânia. In: LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.